



PRIMEIRAS CONCEPÇÕES FREUDIANAS ACERCA DA TRANSFERÊNCIA

GONÇALVES, Isadora Ferretti¹, CANEDA, Cristiana Rezende Gonçalves².

¹Acadêmica do Curso de Psicologia. UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, Campus de Cachoeira do Sul. isadora.goncalves@rede.ulbra.br

²Docente do Curso de Psicologia. ULBRA.

RESUMO: O conceito de transferência é um dos mais discutidos dentro da perspectiva psicanalítica e também um dos mais difíceis de se fazer compreensível na formação acadêmica e profissional. Tendo em vista os inúmeros questionamentos acerca de tal temática, este artigo tem como objetivo identificar a partir de que momento Freud começa a tecer as primeiras contribuições acerca do conceito de transferência e suas principais contribuições a partir dos textos interpretação dos sonhos, a dinâmica da transferência e recordar, repetir e elaborar. Foi realizada uma revisão de literatura, a fim de identificar a partir de que momento o conceito transferência surge na obra de Freud e quais perspectivas são postuladas por ele a respeito de tal, com foco nas contribuições dos textos interpretação dos sonhos, a dinâmica da transferência e recordar, repetir e elaborar. A partir da pesquisa realizada, nota-se que a concepção de transferência como veículo condutor da análise, a qual conhecemos hoje, demorou a ser postulada por Freud. Primeiramente, o termo é empregado a partir do viés de mobilidade do inconsciente, depois como resistência, visto a partir da ótica de transferências positivas e negativas, e, a depois disto, como técnica imprescindível no processo de análise onde é através da reedição da transferência que o sujeito para de recordar e repetir em ato, e passa a elaborar seus sintomas. Sendo assim, sugere-se quem em próximos estudos, seja investigada a perspectiva de outros autores que deram continuidade a psicanálise, e também como ela é manejada e entendida por psicanalistas atualmente.

Palavras-chave: psicanálise, técnica, transferência.

INTRODUÇÃO: O conceito de transferência é um dos mais discutidos dentro da perspectiva psicanalítica e também um dos mais difíceis de se fazer compreensível na formação acadêmica e profissional. Na obra de Freud, ele surge primeiramente no texto a interpretação dos sonhos para designar a mobilidade dos processos de desejo no inconsciente. Depois, o autor vai tecendo novas contribuições e definições para a transferência, passando por conceitos de resistência, métodos de relação com os impulsos, chegando até a concepção atual



de que a transferência faz-se o veículo do tratamento analítico. **OBJETIVO:** Tendo em vista os inúmeros questionamentos acerca de tal temática, este artigo tem como objetivo identificar a partir de que momento Freud começa a tecer as primeiras contribuições acerca do conceito de transferência e suas principais contribuições a partir dos textos interpretação dos sonhos, a dinâmica da transferência e recordar, repetir e elaborar. **METODOLOGIA:** Foi realizada uma revisão de literatura, a fim de identificar a partir de que momento o conceito transferência surge na obra de Freud e quais perspectivas são postuladas por ele a respeito de tal, com foco nas contribuições dos textos interpretação dos sonhos, a dinâmica da transferência e recordar, repetir e elaborar. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O conceito de transferência é introduzido na obra freudiana a partir da interpretação dos sonhos, onde é empregado para estabelecer suas relações com a memória e a atualização do desejo. Neste aspecto, ele é utilizado primeiramente para designar, de modo geral, a mobilidade própria que caracteriza os processos de desejo em jogo no inconsciente. Sendo assim, ele é definido como uma série de fios associativos, onde o desejo inconsciente é obrigado a migrar de uma representação para outra. Ou seja, ele não é ligado ao tratamento analítico, mas sim, a mobilidade dos processos psíquicos. Este texto, põe em cena uma única estrutura, a atualização do desejo inconsciente. Precisamente, é através do processo de transferência, que os traços de memória inconsciente constitutivos do desejo são atualizados, sendo revividos e reexperimentados como forças ainda em atividade, logo, como forças atuais (BARATTO, 2011). Após essas primeiras concepções, a transferência vai se tornando progressivamente mais complexa e importante no pensamento de Freud, até chegar a se constituir num conceito fundamental em torno do qual se ordena a práxis da psicanálise. Embora ele tenha trazido elaborações importantes sobre a transferência no texto a interpretação dos sonhos, é a partir dos Artigos sobre a Técnica (1911-1915/1980f) que ele procede com este conceito e o define como a condição mínima e necessária para que o trabalho de análise possa ter lugar. Em função das resistências, o desejo retorna de modo mascarado, transportando-se inteiramente para a relação atual do analisando com o analista, levando-o a repetir em ato o que ele não pode pôr em palavras (BARATTO, 2011). No texto a dinâmica da transferência (1912) Freud conclui que tanto a intensidade quanto a persistência da transferência são efeitos e expressão de resistência. Ele traz também, explicações acerca de como a transferência é necessariamente ocasionada durante o



tratamento psicanalítico e como ela desempenha este papel. Ele coloca que cada sujeito, através da ação combinada de suas disposições inatas e das influências sofridas durante os primeiros anos de vida, estabelece um método próprio de conduzir-se na vida erótica. Este método é constantemente repetido e reimpresso, no decorrer da vida da pessoa, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos a ela acessíveis permitam. Referindo-se a essas primeiras experiências, ele postula que somente uma parte destes impulsos determinantes da vida erótica passam por todo o processo de desenvolvimento psíquico. A parte que completa o ciclo, está dirigida para a realidade e faz parte da personalidade consciente. Os outros impulsos, por sua vez, ficam retidos no curso do desenvolvimento, mantendo-se afastados da personalidade consciente e da realidade, ou são impedidas de expansão ulterior (mas se fazem presentes através da fantasia), ou permanecem totalmente no inconsciente, de maneira que é desconhecida pela consciência. Após trazer essas premissas sobre o método de condução de vida erótica e ação dos impulsos na personalidade, ele entra em dois pontos que permaneciam inexplicados da transferência até aquele momento. Em primeiro lugar, ele fala da não compreensão do porque a transferência é tão mais intensa nos indivíduos neuróticos em análise do que em outras pessoas desse tipo que não estão sendo analisadas. Para este ponto, ele traz que esta relação se refere a estrutura dos pacientes, e não ao processo de transferência. No segundo ponto, que era visto como um enigma para Freud, é a razão pela qual a transferência surge como a resistência mais poderosa no tratamento e, como fora desta, a transferência é encarada como o veículo de cura e condição de sucesso da análise. Para responder tal enigma, ele traz que não podemos compreender o emprego da transferência como resistência enquanto pensarmos puramente em transferência, dividindo-a em positiva e negativa. Na positiva, há transferência de sentimentos afetuosos, sendo este divididos em sentimentos que são admissíveis à consciência e de prolongamentos desses sentimentos no inconsciente, e na negativa, ocorre a transferência de sentimentos hostis. Tendo isto em vista, ele postula que: Se “removermos” a transferência por torna-la consciente, estamos desligando apenas, da pessoa do médico, aqueles dois componentes do ato emocional; *o outro componente, admissível à consciência e irrepreensível, persiste, constituindo o veículo de sucesso na psicanálise, exatamente como o é em outros métodos de tratamento (FREUD, 1912).* Esta citação evidencia que a transferência



é feita a partir destes impulsos, que são depositados na relação com o analista, mas que não estão ligados a sua figura, mas sim, aos impulsos inconscientes do paciente. Essas circunstâncias levam a crer que todo conflito tem de ser combatido na esfera da transferência. Sendo assim, é através dessa premissa que visamos a independência final do paciente pelo emprego da sugestão, a fim de fazê-lo realizar um trabalho psíquico que resulta necessariamente numa melhora constante de sua situação psíquica (FREUD, 1912). Outro texto que traz importantes contribuições para o entendimento da transferência no cenário analítico, é o texto Recordar, repetir e elaborar (1914). Neste, Freud fala de como se dá a repetição dos métodos de se relacionar com seus impulsos eróticos, citados no texto anterior, e de como isto se relaciona com a compulsão de repetição, com a transferência e a resistência. A partir desta ideia, ele nota que “a transferência é somente uma parcela de repetição, e que a repetição é transferência do passado esquecido, [transferência] não só para o médico, mas para todos os âmbitos da situação presente”. Logo, o analista precisa estar preparado para que o analisando se entregue à compulsão de repetir, para que substitua o impulso à recordação não apenas no cenário com o médico mas também nos demais relacionamentos e atividades contemporâneas de sua vida. Essas concepções deixam claro porque a transferência torna-se o mecanismo fundamental para que se da análise: é a partir dela, que o sujeito repete seus modos primitivos de agir e também é através da condução dela pelo analista, que o analisando se permite elaborar suas questões. E por isso, quanto maior a resistência, mais o recordar é substituído pelo atuar (repetir) na relação transferencial. Portanto, o principal meio de domar a compulsão de repetição do paciente é transformá-la num motivo para a recordação, através do manejo da transferência. Segundo Freud (1914), “nós a admitimos na transferência, como numa arena em que lhe é facultado se desenvolver em quase completa liberdade, e onde é obrigada a nos apresentar tudo o que, em matéria de instintos patogênicos, se ocultou na vida psíquica do analisando”. Por fim, ao longo da obra freudiana, a transferência se apresenta sob três aspectos: a resistência, a sugestão e a repetição, bem como no duplo viés de motor e de obstáculo da análise (BARATTO, 2011). É através da relação transferencial, que ocorre a substituição da neurose ordinária do analisante por uma neurose de transferência, da qual ele pode ser curado pelo trabalho terapêutico. Assim, a transferência cria uma zona intermediária entre a doença e a vida, permitindo uma transição de uma para a outra (FREUD, 1914).



CONSIDERAÇÕES FINAIS: A partir da pesquisa realizada, nota-se que a concepção de transferência como veículo condutor da análise, a qual conhecemos hoje, demorou a ser postulada por Freud. Primeiramente, o termo é empregado a partir do viés de mobilidade do inconsciente, a partir dos achados sobre os mecanismos dos sonhos, onde há a transferência de conteúdos e desejos inconscientes. Depois, como resistência, visto a partir de transferências positivas e negativas, e também a repetição dos impulsos primitivos no cenário analítico e fora dele. E, a partir disto, como técnica imprescindível no processo de análise, onde é através da reedição da transferência que o sujeito para de recordar e repetir em ato, e passa a elaborar seus sintomas. No estudo da transferência é imprescindível que possamos iniciar pela obra freudiana, a fim de entender como ele foi construindo este conceito ao longo de sua teoria, onde, a partir deste entendimento, podemos compreender melhor tal conceito. Sugere-se quem em próximos estudos, seja investigada a perspectiva de outros autores que deram continuidade a psicanálise, e também como ela é manejada e entendida por psicanalistas atualmente.

REFERÊNCIAS:

BARATTO, Geselda. Genealogia do conceito de transferência na obra de Freud. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 228-247, 2010.

FREUD, Sigmund. **A dinâmica da transferência** (1912). In: Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: O caso Schreber, artigos sobre técnicas e outros trabalhos (1911-1913). Imago Editora: 1ª edição, 1996.

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar** (1914): Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II. Editora *Companhia* das Letras, 1992.